

PÓS-AVALIAÇÃO: UMA PROPOSTA DE AÇÃO APÓS A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.

Margeylson Ribeiro da Graça

Mestrando em Ciências da Educação;
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia –
Campus Valença

margeylsongraca@ifba.edu.br

Resumo: Muito se fala acerca da avaliação da aprendizagem, de como o processo deve ser e também de como não deve ser. Após a leitura de diversas fontes sobre avaliação e do como elas direcionam para uma avaliação emancipatória e do interesse educacional em não firmar as injustiças sociais através da escola, surge um questionamento de como transformar os resultados obtidos na avaliação da aprendizagem, principalmente os que direcionam a um aluno ou grupo destes que não conseguem aprender um conteúdo, em práticas que ressignifiquem o trabalho docente a fim de oportunizar ao discente uma chance de assimilar o conteúdo independente das suas individualidades. Neste sentido, este trabalho vem apresentar um pouco sobre avaliação da aprendizagem segundo alguns autores, bem como definir o conceito de pós-avaliação, apresentar um comparativo sobre o estado da arte da avaliação da aprendizagem e da pós-avaliação e sugerir um olhar atento ao que se discute sobre o como proceder após a obtenção dos resultados da aprendizagem dos discentes.

Palavras chave: Aprendizagem. Avaliação. Pós-Avaliação.

INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem é um assunto tão debatido quanto a sua complexidade. Embora haja um arcabouço teórico que embase qualquer pesquisa neste sentido, surge, diante de uma leitura profunda dos principais autores (Luckesi, Sant'Anna e Hoffman a exemplo) do que fazer após obter os resultados da avaliação da aprendizagem. Diante uma avaliação constante, durante todo processo do aluno ou mesmo em avaliações pontuais, respeitando os calendários aos quais os professores geralmente são submetidos, fica claro que, muitas vezes, há a necessidade de ressignificar o trabalho docente para que este oportunize, aos alunos que não atingiram um objetivo desejado, uma nova chance de aprendizado.

Certos de que cada aluno é um universo diferente e que a vivência individual, com suas peculiaridades, influencia na sua capacidade de aprender, muitos professores podem se ver na dúvida de como proceder para levar o conhecimento ao nicho onde a barreira de aprendizado foi detectada.

Este artigo faz parte da dissertação a qual o autor está construindo acerca do tema e que é o primeiro passo para apresentar uma proposta de ação aos docentes sobre como proceder após obter os resultados da avaliação da aprendizagem.

Com base no descrito anteriormente, iniciou-se uma pesquisa para identificar o que se tem discutido sobre a etapa após a avaliação do aprendizado, chamada neste trabalho de pós-avaliação, a fim de iniciar uma discussão acerca do trabalho docente após obter os resultados de aprendizado dos discentes. Como objetivos específicos, relaciona-se a definição de pós-avaliação e o estado da arte de avaliação do aprendizado e de pós-avaliação no Brasil.

O estado da arte (ou estado do conhecimento) é uma opção metodológica que visa organizar, em uma só publicação, um conjunto de produções científicas sobre um determinado tema nos mais diversos meios de comunicação acadêmica. Podemos ter a definição que é

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (FERREIRA, 2002. p 258)

Basicamente, ainda sob a mesma ótica, os autores que utilizam o estado do conhecimento como metodologia, mantem dentro de si o desejo de conhecer o que já foi escrito sobre um determinado tema a fim de “buscar o que ainda não foi feito”. (FERREIRA, 2002)

Antes de prosseguir há a necessidade da definição do escopo deste trabalho, para permitir que o leitor se situe do papel deste. O presente artigo é um breve relato sobre o que é a pós-avaliação da aprendizagem e acima de tudo uma abordagem sobre a falta de publicações sobre a prática docente após a avaliação da aprendizagem, seja esta pontual ou um processo atemporal.

Tão importante quanto o que ele é, é o que ele não é. Este artigo não indica uma prática ou um conjunto de práticas para como proceder diante do resultado da avaliação, apesar de estar sendo estudado para a confecção da dissertação de mestrado, não trata-se aqui de propor uma ferramenta, método ou objeto para que o docente haja no seu cotidiano profissional, mas sim um trabalho que visa estimular aos docentes como pesquisadores e aos pesquisadores em si a voltarem a atenção para o tema que trata de práticas educativas pós-

avaliativas, tentando assim, aumentar exponencialmente os trabalhos de relato de experiências e/ou sugestões de práticas e métodos para ressignificar o trabalho após a avaliação da aprendizagem.

AVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Avaliação, na sua essência etimológica, significa “Ato de avaliar, de mensurar ou determinar o valor, o preço, a importância de alguma coisa: avaliação de uma obra de arte.” DICIO (2019). Na mesma fonte, encontramos ainda que avaliação é um objeto representado por “Prova, exame ou verificação que determina ou verifica a competência, os conhecimentos ou saberes de alguém: avaliação escolar.”

Esse formato no qual a avaliação é estruturada coloca o conceito numa posição de fácil interpretação. O problema é que a prática avaliativa extrapola uma interpretação rasa e que necessita se transformar de acordo a realidade na qual está inserida.

A avaliação do aprendizado é um assunto bastante discutido e proporcionalmente polêmico. Sant’Anna (2010) referenciando Sarabi (1971) traz que a avaliação da aprendizagem depende da elaboração dos objetivos que se quer alcançar bem como de meios que possam comprovar que tais objetivos foram alcançados.

A avaliação da aprendizagem é um assunto relativamente novo na história da educação. Saviani (1994) afirma que a educação e a humanidade têm origens que se misturam, e neste contexto Luckesi (2011) relata que apenas a partir de 1930 que o termo avaliação do aprendizado passou a ser utilizado, quando Ralph Tyler fez referência ao cuidado que os educadores precisam ter com os escolares.

Um dos problemas do processo avaliativo é que ainda se utiliza os modelos de exames escolares propostos para atender às demandas modernas (LUCKESI, 2011) e neste processo, a avaliação é pensada para “determinar até que ponto os objetivos educacionais são efetivamente alcançados (Tyler, 1973 *apud* PACHECO, 1998).

Outro ponto problemático a ser observado é o referido por Teixeira e Nunes (2014) na utilização da avaliação como mecanismo de controle, trazendo, com essa característica, a prática dominadora sobre o aluno e não a de diagnosticar a aprendizagem.

Neste papel de controle, o aluno é reduzido a um corpo controlado e que tem objetivos a alcançar com base numa média desejada pela instituição social. Nesse jogo de

classificação, punição e recompensa, o modo de avaliar tende a rotular os discentes por uma média, já que

Diferenciar os indivíduos, em uma comparação perpétua de cada um com todos, faz funcionar uma base mínima em que existam a média a respeitar e o ótimo a copiar. Hierarquizar, em termos de valores, as competências e as habilidades individuais, traçando um limite em que se defini a diferença entre todas as diferenças, é por meio, pois, deste elemento do poder disciplinar em que se estabelece o poder na norma como princípio de coerção no ensino. (TEIXEIRA E NUNES 2014, p. 41. Grifos do autor)

Em nosso país, apenas no final dos anos 1960 é que o termo avaliação da aprendizagem chega como processo avaliativo, antes, ocorria apenas através de exames escolares e é somente na LDB de 1996 que o termo é incluído. (LUCKESI, 2011).

Cabe ressaltar que essa proposta que compara o aprendizado do discente com os objetivos educacionais traçados foi “proposta inicialmente em 1949, na obra *Basic Principles of Curriculum and Instruction* [...] convertendo a avaliação num processo de controle de resultados, através de técnicas de medição.” (PACHECO, 1998. Grifo do autor)

O resultado da avaliação da aprendizagem deve proporcionar aos envolvidos uma pausa no processo para sejam tomadas decisões de como agir a partir daquelas informações, entretanto Grillo et.al. (2010) ressalta que muitas vezes é o papel classificatório que é levado em conta. O autor ainda prossegue afirmando que a avaliação deveria ter a função diagnóstica, a fim de permitir uma retomada mais adequada à prática educativa.

No outro ponto do processo avaliativo, encontra-se o discente. Este, muitas vezes estigmatizado por avaliações anteriores que remetem às práticas da época dos exames escolares.

É possível citar diversos autores que elencam alguns pontos que justificam a visão negativa que o discente muitas vezes carrega da avaliação, sendo:

- a) O papel disciplinador da avaliação, com frases do tipo “Vocês verão no dia da prova”. PEREIRA (s.d.);
- b) O autoritarismo do professor. PEREIRA (s.d.);
- c) O uso classificatório da avaliação. (GRILLO, GESSINGER, FREITAS, *etal*, 2010, p 24, p42);
- d) A não compreensão do aluno da nota alcançada. (Ibid, p24)
- e) A autoestima do aluno devido a classificações como “aluno nota 10”, “aluno conceito C”, “aluno bom” ou “aluno ruim”. (Ibid., p25)

f) A demora na comunicação dos resultados impedindo a reorientação da aprendizagem. (Ibid., p 26)

Nesse interim, quando o aluno não consegue alcançar o rendimento esperado, levantam-se diversos questionamentos sobre a situação. Hoffmann (2018) aborda três pontos a respeito da qualidade do ensino e como a avaliação denota esse resultado:

1. O sistema de avaliação tradicional, classificatório, assegura um ensino de qualidade?
2. A manutenção das provas e notas é garantia do efetivo acompanhamento dos alunos no seu processo de aprendizagem?
3. O sucesso de um aluno na escola tradicional, representa o seu desenvolvimento máximo possível?

Também reforçado por Graça (2018) quando indaga que

Basicamente, o papel da escola é fazer com que o discente aprenda um conteúdo. Quando uma avaliação é feita e nenhuma retroalimentação é dada ao processo de ensino, a escola falha no seu papel com os alunos que tiram notas baixas ou é o modelo de avaliar que não foi preciso para determinar o aprendizado do aluno?

Desta forma, Luckesi (2011, p. 206-207) deixa claro que a avaliação da aprendizagem tem dois objetivos, sendo o de “auxiliar o educando no seu desenvolvimento pessoal, a partir do processo de ensino-aprendizagem, e responder à sociedade pela qualidade do trabalho educativo realizado”. Tais motivos deixam claro que a forma como o conhecimento é analisado precisa de um olhar mais sensível a fim de não assumir um papel indevido perante o aluno e a sociedade.

Diante do conceito tardio de avaliação da aprendizagem; da inserção apenas em 1996 na Lei de Diretrizes e Bases (1996); da atual permanência, muitas vezes, de práticas antigas de avaliação; do uso da ferramenta avaliativa como coerção; do estigma do aluno e da consciência de que a avaliação é um instrumento para repensar a prática, elaboramos o estado da arte sobre a temática pós-avaliação.

PÓS-AVALIAÇÃO

Entende-se neste trabalho que a avaliação é o processo, seja ele pontual ou não, de identificar se o aluno conseguiu aprender determinado conteúdo e ressignificá-lo, de forma a utilizá-lo em outra situação. Dito isto, e considerando que um aluno, ou um grupo destes, não tenha atingido o aprendizado necessário para prosseguir, levanta-se o questionamento de

quais referências os docentes podem consultar a fim de alcançar um ponto norteador para suas atividades após obter os resultados das avaliações do aprendizado dos discentes.

Diante deste cenário, este ponto levanta o que se tem estudado sobre as etapas após a avaliação da aprendizagem, bem como define o termo Pós-avaliação.

PÓS-AVALIAÇÃO, DEFINIÇÃO E ESTADO DA ARTE

Antes de prosseguir, cabe aqui, a definição do que é considerado pós-avaliação neste trabalho. Durante a pesquisa para a dissertação de mestrado do autor, cujo tema tratava-se da avaliação da aprendizagem, observou-se que diversos referenciais apresentavam um contexto após o momento da avaliação (mas não o caracterizavam) onde o trabalho docente deveria ser repensado. Em pesquisas feitas em bases de trabalhos científicos, bem como na *Internet* para um contexto mais amplo, sobre o estado da arte no pós avaliar (apresentadas ainda neste capítulo), notou-se a necessidade de foco neste momento a fim de galgar mais um degrau no debate sobre a relação da aprendizagem, aula, avaliação e práxis docente.

Ao observar o relato dos autores sobre o que é avaliar, têm-se que pós avaliação nada mais é que a ação, ou conjunto de ações tomadas pelo docente a fim de modificar a sua prática (até então constatada que não foi a mais efetiva para um grupo de discentes) para permitir que o aluno (ou grupo deste) tenha uma nova oportunidade de aprendizado.

Imaginando um contexto diferente da educação, pode-se imaginar uma consulta de revisão com um médico, onde, após analisar o resultado dos exames solicitados, o profissional apenas informasse que o paciente está doente e que o verá na próxima consulta. Esse breve momento pode causar estranheza, mas o fato é que ao irmos ao médico, esperamos que o mesmo nos informe o que há conosco que merece atenção, bem como, caso necessário, indicação do que irá agir para alcançar a melhora do estado de saúde que originou a visita ao profissional. Tal indicação pode passar por medicação e/ou mudanças de hábitos.

Esse processo de *feedback* que se dá à outra parte, também deveria ser um hábito comum na avaliação da aprendizagem, afinal o discente deve saber onde está o problema e receber indicações do professor de como proceder para superar essa barreira.

A partir daí, o docente também deve se apropriar dos resultados para que reconduza seu trabalho a fim de oportunizar ao aluno uma nova chance de aprender e, eis aqui, o grande entrave sobre o que fazer após a avaliação da aprendizagem.

Uma busca com o termo “avaliação da aprendizagem”, realizada em 25 de janeiro de 2019, retornou uma quantidade substancial de resultados em alguns dos principais portais de trabalhos acadêmicos, a exemplo (demonstrado nas figuras de 1 a 4): Scielo, 138 publicações; Biblioteca de Teses e Dissertações da USP, 3.620 publicações; Google Acadêmico, 1.210.000 publicações¹ e Portal de Periódicos da CAPES, 437 periódicos.

Figura 1: Resultado no portal da Scielo



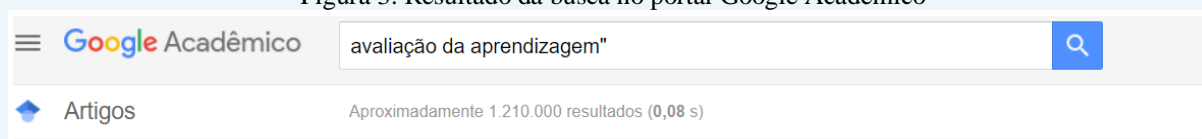
Fonte: Próprio autor (2019)

Figura 2: Resultado da busca no portal de Biblioteca de Teses e Dissertações da USP



Fonte: Próprio autor (2019)

Figura 3: Resultado da busca no portal Google Acadêmico



Fonte: Próprio autor (2019)

¹ É interessante destacar aqui que o Google é um agrupador de links e isso não representa o quantitativo de publicações no site, mas sim a quantidade de artigos encontrados pelo buscador.

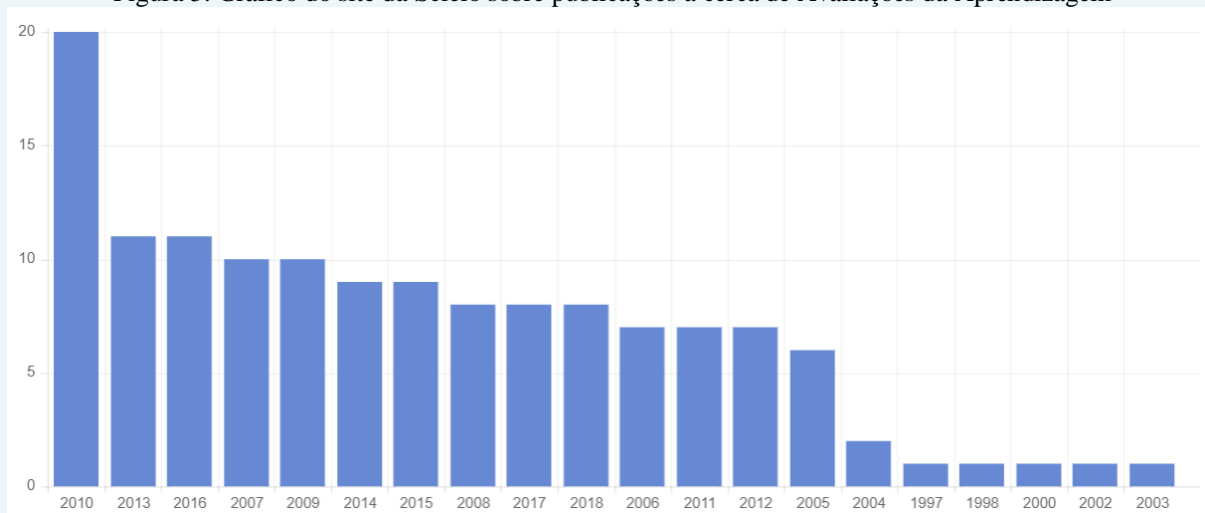
Figura 4: Resultado da busca no portal de periódicos da CAPES



Fonte: Próprio autor (2019)

Um gráfico, retirado das funcionalidades do portal da Scielo, apresenta de forma visual o quantitativo do que é publicado a respeito do objeto de estudo deste trabalho no portal. A Figura 5 mostra que, ao longo do tempo, o interesse dos pesquisadores pela avaliação da aprendizagem aumenta, praticamente com o auge de publicações em 2010. A ferramenta do portal da Scielo não organiza o gráfico de forma temporal, mas sim em um quantitativo decrescente.

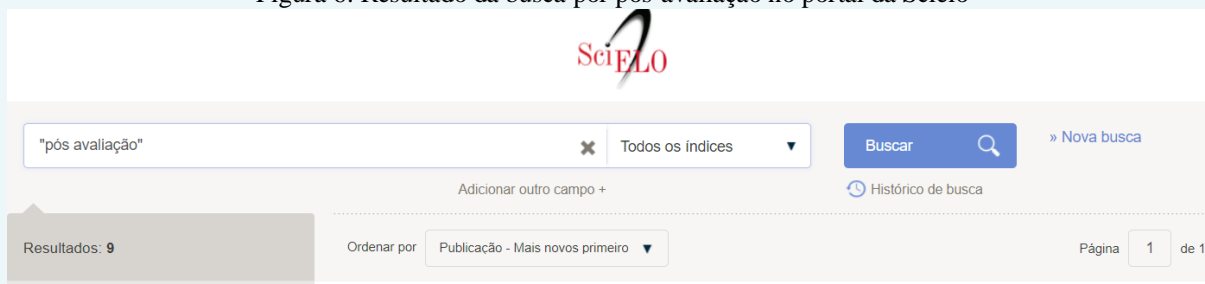
Figura 5: Gráfico do site da Scielo sobre publicações a cerca de Avaliações da Aprendizagem



Fonte: Próprio autor, 2019

Mudando para o objeto de análise deste artigo, o termo “pós-avaliação” também foi pesquisado nos mesmos portais, no mesmo recorte temporal da pesquisa supracitada. Como resultado, observa-se:

Figura 6: Resultado da busca por pós-avaliação no portal da Scielo

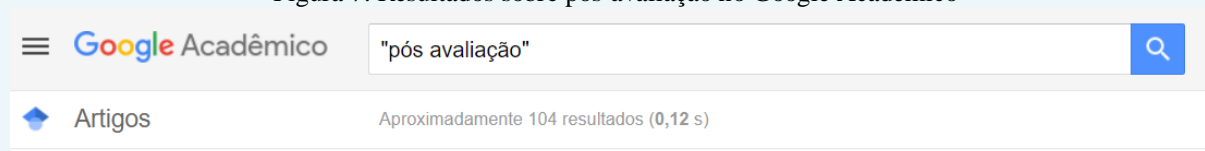


Fonte: Próprio Autor

Dos nove resultados encontrados no portal da Scielo, Figura 6, apenas um deles faz referência à área da educação, mas não dentro da avaliação da aprendizagem e sim sobre a implantação de uma disciplina de pós-graduação.

Já no Google Acadêmico, Figura 7, 104 resultados, foram encontrados, estes apresentados 10 por página o qual foram visitadas as 05 primeiras páginas (cinquenta resultados) e pôde-se verificar que apenas 03 resultados se referiam à educação, sendo que apenas um era direcionado ao acompanhamento do aprendiz, todavia em ambientes virtuais de aprendizagem. O trabalho em questão, trata-se de uma tese de doutorado apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 2018, de autoria do Vagner da Silva.

Figura 7: Resultados sobre pós-avaliação no Google Acadêmico



Fonte: Próprio autor

Seguindo à mesma lógica de buscas, no mesmo recorte temporal, a biblioteca de teses e dissertações da USP (Figura 8) apresentou apenas 75 resultados. Seguindo o mesmo critério do Google Acadêmico, foram visitados os 50 primeiros resultados os quais não apresentaram nenhum relacionado à aprendizagem.

Figura 8: Resultados sobre pós-avaliação na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP



Fonte: Próprio autor

Finalizando o comparativo, o portal da CAPES, Figura 9, apresenta apenas 20 resultados sobre o assunto, sendo que destes nenhum faz referência ao acompanhamento da aprendizagem ou ao trabalho docente.

Figura 9: Resultados sobre pós-avaliação no portal da CAPES



Fonte: Próprio autor

Nota-se com esse comparativo, que há um enorme interesse por parte dos pesquisadores sobre a avaliação da aprendizagem e, em muitas publicações consultadas durante a pesquisa para este artigo (e para a confecção da dissertação de mestrado da qual este faz parte), diversos autores direcionam que a avaliação da aprendizagem é um processo contínuo e que deve ser utilizado como diagnóstico para que o docente repense seu trabalho, oportunizado ao aluno uma nova proposta de ensino para que este, independentemente de suas peculiaridades, possa aprender e ressignificar o conteúdo aprendido.

Mesmo diante desta linha de raciocínio, obteve-se um dado delicado referente aos processos realizados após a avaliação da aprendizagem, que é o quantitativo de publicações encontradas acerca de métodos e/ou objetos que possam direcionar o professor diante dos resultados da avaliação.

CONSIDERAÇÕES

A avaliação da aprendizagem é um processo inclusivo e de amor (LUCKESI, 2011), é acompanhar o desenvolvimento de raciocínio do aluno (TEIXEIRA e NUNES, 2014), além de tudo, avaliação da aprendizagem tem tantos significados que chega a não ter definição (HOFFMAN, 2011), mas a fundo temos que esta perpassa por ser um processo de “determinar até que ponto os objetivos educacionais são efetivamente alcançados” (TYLER, 1973 *apud* PACHECO, 1998); Batista (2007) denota um sentido concreto em referenciar o dicionário com “valorar, estimar o valor ou o merecimento” e ao mesmo tempo amplia o conceito, deixando-o mais abstrato quando diz que as convicções e concepções de cada professor influenciam no processo de avaliar, deixando aberta a quantidade de possibilidades.

No contraponto do que ela não deve ser, mais uma gama de pesquisadores deixa a entender que a avaliação não deve ser um confirmador das injustiças sociais, classificando o

aluno ou deixando claro a lógica de controle que é exercido no capitalismo e que acaba invadindo a escola.

Se avaliar é um processo individual que varia em relação ao professor, à região, à turma e ao discente e acima de tudo não pode ser um processo regulatório/classificatório, fica o questionamento de como proceder, de forma prática, após obter o resultado da avaliação da aprendizagem.

Nesse sentido, carece-se, de forma urgente, que o olhar dos pesquisadores dê um passo para indicar caminhos de como proceder após avaliar, criando, desta forma, um direcionamento que possa ser utilizado por professores, tanto veteranos quanto iniciantes da carreira docente, a fim evitar uma discussão cíclica em torno de conceitos e deixar escapar aos olhos que uma ação prática precisa ser tomada para que não hajam as injustiças já citadas.

Este artigo foi confeccionado para fazer parte da motivação da dissertação de mestrado do autor, fundamentando sobre como os docentes agem após a avaliação da aprendizagem e firmou, ainda mais, o desejo de pesquisar a pós-avaliação diante do cenário da falta de publicações sobre este tema. Com isso, há, também, um desejo de contagiar o leitor para produções nesta linha, com proposições de como agir a fim de direcionar outros colegas e criar um caminho no sentido de desviar da avaliação como método de punição/controle/classificação.

REFERÊNCIAS

BATISTA, A.A.G. (2007). Alfabetização e Letramento: questões sobre avaliação. In: PRÓ-LETRAMENTO. Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem.- ed. rev. e ampl. incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/Secretaria de Educação Básica - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica, 2007. 364 p.

DICIO. Dicionário Online de Português. Disponível em <https://www.dicio.com.br/> . Acesso em 15 de fevereiro de 2019.

GRAÇA, Margeylson Ribeiro da. A utilização da internet como mídia para realizações de avaliações multi e hipermediáticas. 2018

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *in* Educação & Sociedade, ano XXIII, no 79, Agosto/2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf> . Acesso em 04 de fevereiro de 2019

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade – 34ª ed – Porto Alegre: Mediação, 2018.

_____. Avaliação; mito e desafio: uma perspectiva construtivista – Porto Alegre: Mediação, 2009.

PAQUAY, Léopold. PASCALE, Wouters. NIEUWENHOVER, Catherine Van. Avaliação, freio ou alavanca de desenvolvimento profissional? *in* _____ Avaliação como ferramenta de desenvolvimento profissional de educadores. Tradução: Fatima Murad. Porto Alegre. Penso. 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições – 22ª Ed – São Paulo: Cortez, 2011.

PACHECO, José. Avaliação da Aprendizagem. In Leandro Almeda e José Tavares (org). Conhecer, aprender e avaliar. Porto: Porto Editora, pp. 111 – 132. 1998.

SANT’ANNA, Ilza Martins. Por que avaliar? Como avaliar?: Critérios e instrumentos. 3ª Edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: Ferretti, Celso J. et al. (Orgs.). Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1994.